

## SOCIABILIDADES E COSTUMES NAS TERRITORIALIDADES URBANAS DO CEARÁ – AS RODAS DE CONVERSA E DE CALÇADA (1860 – 1930)

Marco Aurélio Ferreira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto que ora apresentamos é parte de nossas pesquisas em torno dos temas: Capitalismo, Civilização, Encontros Culturais (“Mistura de Culturas” / “Hibridização” / “Tradução Cultural”) e costumes nos espaços urbanos do Ceará. Para o momento, o nosso foco se dirigirá tão somente aos modos de vida (traços comuns) dos que aqui residiam nas cidades cearenses. Ou seja, nesse instante a nossa perspectiva é tão somente fazer um panorama do local, que tem como composição em primeiro plano as “formas sociológicas de interação” e seus costumes, aqui representado pelas sociabilidades “vizinho / vizinhança” e “conversa / conversação” (Ex.: Rodas de Conversa e de Calçada).

**Palavras-Chave:** Capitalismo - Civilização - Encontros Culturais - Costumes

### ABSTRACT

This text presented here is part of our research around the themes: Capitalism, Civilization, Cultural Encounters ("Culture Mix" / "Hybridization" / "Cultural Translation") and customs in urban areas of Ceará. For the moment, our focus will be directed solely to the ways of life (common features) of those who lived here in Ceará cities. That is, at this moment our perspective is simply to do an overview of the site, which has the foreground up the "sociological forms of interaction" and customs, here represented by sociabilities "neighbor" and "conversation / talk" (Ex. : Talk and Walk wheels).

**Key Words:** Capitalism - Civilization - Cultural Encounters - Customs

**RECEBIDO:** 10/04/2016

**AVALIADO:** 05/06/2016

---

<sup>1</sup> Professor Doutor do Mestrado Acadêmico em História (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

## 1. INTRODUÇÃO – ESCOLHAS/DELIMITAÇÕES

Este texto que ora apresentamos é parte de nossas pesquisas em torno dos temas: Capitalismo, Civilização, Encontros Culturais (“Mistura de Culturas” / “Hibridização” / “Tradução Cultural”) e costumes nos espaços urbanos do Ceará. Para o momento, o nosso foco se dirigirá tão somente aos modos de vida (traços comuns) dos que aqui residiam nas cidades cearenses. Ou seja, nesse instante a nossa perspectiva é tão somente fazer um panorama do local, que tem como composição em primeiro plano as “formas sociológicas de interação” e seus costumes, aqui representado pelas sociabilidades “vizinho / vizinhança” e “conversa / conversação” (Ex.: Rodas de Conversa e de Calçada).

Poder-se-ia perguntar: onde está o “outro”, que é parte da trama dos Encontros Culturais? Os envolvidos num processo civilizacional capitalista tradutores desses encontros em zonas de fronteiras? Então, pelo pouco espaço que temos para o artigo, optamos que em outro momento oportuno, será retratada a presença daqueles indivíduos e/ou de grupos, que se espalharam e se conectaram aos lugares mais longínquos dos sertões cearenses, mas que trouxeram consigo um projeto civilizacional capitalista e sua proposta de cidade moderna / civilizada, seus valores, suas formas de se conduzir etc.

Esperamos só depois, ao cruzar os sujeitos que estavam envolvidos pela experiência do viver em cidades, compreender os costumes em jogo de um processo de encontros/confrontos culturais, marcado pelo fluxo de gentes e de coisas que aqui circularam.

Será uma reflexão em torno dos costumes das classes e do “homem simples” e “cidadino” (...) “que ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos, em contextos específicos e situados”.<sup>2</sup>

Como ponta pé inicial, seguiremos o caminho da ideia de pequenos agrupamentos, passando a pensar os espaços urbanos pesquisados (Aracati, Crato, Fortaleza, Quixadá e Sobral) como se fossem “pequenas cidades”.

<sup>2</sup> FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 7.

## 2. O CONTEXTO DA PEQUENA CIDADE NO CEARÁ

Tem-se como ponto pacífico nos estudos urbanos, considerar a cidade como um “locus” e centro de convergência de processos e interesses diversos.<sup>3</sup> O que não seria diferente, quando envolvida num processo civilizacional capitalista em expansão planetária – “Moderno Sistema-Mundo”. Ela está enraizada nesse propósito expansionista de uma “economia-mundo capitalista”.<sup>4</sup>

Como bem observa Ruben Oliven ao falar do aumento da importância da cidade nos períodos históricos recentes (Revolução Industrial e a formação do Modo de Produção Capitalista): “As cidades estão fortemente associadas a estes processos porque historicamente elas foram os lugares onde a burguesia primeiro conseguiu florescer (daí o adágio alemão ‘O ar da cidade liberta’) e onde mais tarde a industrialização criou raízes”.<sup>5</sup>

Apesar disso, a cidade não figura tão somente como um mero elemento inerte, paciente ou receptáculo passivo, mas também como capaz de produzir novas formas e espaços de sociabilidades e de gerar novas interações sociais. Ela, com toda a sua dinâmica comercial e industrial e seus fluxos de capitais, serve como um ponto de confluência ou como porta de conexão de toda uma rede, interligando diversas esferas de vida sociocultural de sociedades distantes umas das outras. Distantes sejam do ponto de vista espacial ou cultural. Onde poder vê-la como um lugar para um complexo sistema de trocas Material e Cultural/simbólica.

É o que observamos na experiência das cidades do Ceará diante de uma expansão destacada pela inovação tecnológica, pela transformação econômica, pela modificação do viver político e pela reorganização dos espaços.

O que há no Ceará nesse período (1860-1930) é a estruturação de uma economia primária exportadora. A província cearense assentada em nova base econômica voltava-se mais para o mercado externo, realizando intensas trocas comerciais de mercadorias de tipo primário com produtos manufaturados, tendo como corolário a sua inserção dentro de uma nova lógica internacional do trabalho. Esta maior articulação da economia cearense com o mercado externo exigiu necessárias reformas infraestruturais (estradas, portos, incorporação de nova força de trabalho, etc.) em seus territórios urbanos.<sup>6</sup>

Todavia, as cidades envolvidas na pesquisa, apesar de mostrarem algum tipo de desenvolvimento (material e cultural) e de inserção no sistema mundo capitalista, apresentavam

<sup>3</sup> OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1984.

<sup>4</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: contraponto, 2001.

<sup>5</sup> OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 13.

<sup>6</sup> LEMENHE, Maria A. *As Razões de uma Cidade: conflitos de hegemonias*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

# HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE

características de pequenas cidades. Para tais características, partimos de dois critérios para assim definir a pequena cidade: o quantitativo e o sociocultural. Então, vejamos!

Do ponto de vista quantitativo, os espaços urbanos cearenses possuíam densidade populacional em torno de 20.000 (vinte mil) a 40.000 (quarente mil) habitantes. Uma realidade comum do Ceará da segunda metade do século XIX e que se estenderá até mais ou menos o final da primeira metade do século XX.

Para tal enquadramento numérico, ao que chamamos de pequena cidade, levamos em conta os dados populacionais do período de 1872 a 1920 levantados por June E. Hahner – **Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil – 1870 / 1920** –, onde se observa no quadro abaixo, que as principais cidades brasileiras, sedes administrativas e pólos comerciais, já dispunham de uma grande densidade populacional:

	<b>BRASIL</b>	<b>RIO DE JANEIRO</b>	<b>SÃO PAULO</b>	<b>SALVADOR</b>	<b>RECIFE</b>
1872	10.112.061	274.972	31.385	129.109	116.671
1890	14.333.915	522.651	64.934	174.412	111.556
1900	17.318.556	811.443	239.820	205.813	113.106
1920	30.635.605	1.157.873	579.093	283.422	238.843

HAHNER, June E. **Pobreza e política: as pobres urbanos no Brasil (1870-1970)**. Brasília: Ed. UNB, 1993, p. 21.

Quando consideramos, por exemplo, o espaço cidade a partir da “Divisão Civil Administrativa da Província / Comarcas”,<sup>7</sup> tomando o “município” tão somente como “distrito” (a cidade propriamente dita e seus subúrbios), observamos nos casos de Fortaleza e Sobral essa característica de núcleo urbano pequeno. Senão vejamos o que informa Thomaz Pompeo Brasil no Ensaio Estatístico da Província do Ceará (1864) sobre o distrito da Capital – Fortaleza:

2. A população livre verificada deste districto em 1847 era de 11:417 habitantes, e com a escrava devia subir a 16:000: hoje presume-se que exceda a vinte mil.

3. Sua população, contando com os subúrbios ocupados por casas de palha, deve subir a mais de 16:000 habitantes.<sup>8</sup>

Para a cidade de Sobral, Thomaz Pompeo apresenta os seguintes números: “9. População Absoluta e Relativa. – Em 1860 era de 19:109 habitantes, sendo por légua quadrada 159”.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. Ed. Fac. Sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997. [Tomo II, 1864].

<sup>8</sup> Ibid., p. 22.

Tratando ainda dos dados populacionais de Sobral, vamos encontrar no trabalho de Almino Rocha Filho, “O Desenvolvimento Sócio-econômico de Sobral”, texto mimeografado de 1992,<sup>10</sup> o levantamento numérico da população sobralense (Urbana e Rural) no tempo. Ele, desta forma, organiza e dispõe a sequência da população total: 1872 – 27.567 habitantes; 1900 – 23.578 hab.; 1920 – 39.000 hab. e 1940 – 47.250 hab., sendo deste último número assim distribuído: 16.646 (urbana) e 30.604 (rural).

O ALMANACH DO ESTADO DO CEARÁ, edição de 1897, apesar dos números discrepantes em relação aos índices apresentados acima pelo Sr. Almino Rocha Filho; demonstra uma Sobral com baixa densidade populacional e concentrando a maior parte das casas localizadas no campo. É dessa forma que informa o referido almanaque em duas passagens:

Sua população era de 16.000 habitantes pelo recenseamento de 1800 e hoje eleva-se a 18.000.<sup>11</sup>

[e]

Existem na sede do município 890 casas de tijolos, 260 de taipa; nos povoados 174, nos campos 1.743 e 197 choupanas.<sup>12</sup>

Essa mesma edição do Almanach do Ceará informa os seguintes dados sobre a cidade do Crato:

População 1890 – 21.410.

1897 – 25.000.

Residem no município 1 médico, 2 advogados e 8 padres catholicos.

Na cidade há 1.500 casas, nos povoados 2.800, e nos campos 5.200.<sup>13</sup>

Podemos concluir desses dados, além da situação precária de moradia da maioria população, é o caráter fortemente rural desses dois municípios cearenses.

No ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRAZIL PARA 1883 reformada e organizada por Arthur Sauer (1883), em seu capítulo da “Província do Ceará” – “Geographia e Divisão”, tem-se a “Capital Fortaleza, 2 leguas á foz do rio Ceará, com mais de 18,000 habitantes”.

O Professor da UFC e geógrafo José Borzacchiello da Silva, em seus trabalho “A cidade contemporânea no Ceará” publicado na obra “Uma Nova História do Ceará”<sup>14</sup> nos brinda com a informação populacional da capital alencarina no levantamento censitário de 1890: “De uma

<sup>9</sup> BRASIL, Thomaz Pompeo de Sousa. Op. Cit., p. 190.

<sup>10</sup> Não se tem notícia de ser tal trabalho editado em livro. Material coletado em Missão de Pesquisa em 2013 na cidade de Sobral.

<sup>11</sup> SAUER, Arthur. ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRAZIL PARA 1883. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietário, 1883, p. LXX.

<sup>12</sup> Ibid., p. LXXXII

<sup>13</sup> Ibid., p. XXXIII

<sup>14</sup> SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: ed. Demócrito Rocha, 2000.

**pequena cidade** nos fins do século passado [século XIX], com somente 40.902 habitantes, Fortaleza, em menos de um século alcança e ultrapassa a cifra de cidades com mais de dois milhões de habitantes”[...] .<sup>15</sup> (Grifo Nosso) No ano de 1900, com crescimento de 18,2%, os números saltam para a marca de 48.369 habitantes.

Já o jornalista, escritor, teatrólogo e pesquisador Manuel EDUARDO Pinheiro CAMPOS, em suas crônicas e memórias contidas na obra **Os Vizinhos – Memória da cordialidade**,<sup>16</sup> onde narra sua vida a partir dos seus 8 (oito) anos quando foi viver na Rua do Imperador, nº 90, na Fortaleza de 1930, em companhia dos pais adotivos, fala-nos de uma cidade da década de 1930 como sendo de “tempos provincianos”. Mas no pós-guerra (1945), (...) “a cidade [de Alencar] começava a tomar nova feição; progredia, a tanto a impor estilo de vida mais consentâneo com o tempo. A própria convivência com vizinhos, em cadeiras nas calçadas, já não perseverava”.<sup>17</sup> Em outra passagem, ao indicar números populacionais, vai dizer que “Fortaleza crescia célere”. E traça um comparativo entre a Fortaleza de 1930 e a de 1955: “Em 1955 alcançava a população de 300 mil habitantes, tão diferentes daquela cidade tímida, de comportamento provinciano, a início dos anos trinta, cuja população não excedia a casa de 130 mil viventes”.<sup>18</sup>

Um contraste com as grandes cidades do período (segunda metade do século XIX e início do século XX) e da região Norte (Hoje Nordeste) como são os casos de Recife, com mais de 100.000 habitantes, e Salvador, com mais de 180.000 habitantes.<sup>19</sup> Como se ver, o “Peso do Número”,<sup>20</sup> acabará por influir na proximidade e distanciamento entre os cidadãos ou proximidade e indiferença dos mesmos no caso concreto da vida das cidades em tela.<sup>21</sup> A relação entre espacialidade urbana e densidade e heterogeneidade humana corresponde a certo modo de vida, a uma formação social específica.

Como afirma D’Assunção Barros: “Não se trata, contudo de considerar aqui um fator populacional reduzido a um aspecto meramente demográfico, mas, sim, de um fator populacional que se reconhece estar associado a determinadas especificidades e que traz consigo imposição de um determinado modo de vida”.<sup>22</sup> A relação entre espacialidade urbana e densidade e heterogeneidade humana corresponde a certo modo de vida, a uma formação social específica.

<sup>15</sup> Ibid., p. 230.

<sup>16</sup> CAMPOS, Eduardo. **Os vizinhos. Memória da cordialidade**. Fortaleza, 2001.

<sup>17</sup> Ibid., p. 51.

<sup>18</sup> Ibid., p. 99.

<sup>19</sup> SAUER, Arthur. **ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPÉRIO DO BRAZIL PARA 1883**. Rio de Janeiro: Casa dos Editores Proprietário, 1883.

<sup>20</sup> BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII**. São Paulo: Marins Fontes, 1995.

<sup>21</sup> SIMMEL, Georg. “A metrópole e vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1976.

<sup>22</sup> BARROS, José Costa D’Assunção. “‘Cidade’ e ‘População’ – Reflexões sobre uma relação complexa”. **Revista de História Regional**. 12(1): 163-174, 2007, p. 164.

Vejamos, pois, a relação da vida “dispersa” dos sertões (Campo) e a diferença da vida em cidade. Com certeza nessa última forma de viver, tem-se uma caracteriologia do homem distinta.

É o que nos demonstra, por exemplo, Antônio Cândido em seu estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida – Os Parceiros do Rio Bonito –, tendo como foco de análise os pequenos agrupamentos:

“Como sabemos, nas sociedades rústicas, menos embora que nas primitivas, é acentuada a homogeneidade dos indivíduos, principalmente se nos colocarmos do ponto de vista dos padrões ideais. Daí a possibilidade de conhecermos o passado pela tradição de alguns informantes escolhidos, e o presente pela análise de **pequenos agrupamentos**”.<sup>23</sup> (Grifo nosso)

O outro critério aqui utilizado para pensar a “pequena cidade”, além do critério quantitativo, é o sociocultural. E nesta linha, acolhemos mais uma vez a reflexão do mestre Antônio Cândido, que ao combinar as orientações do sociólogo com as do antropólogo e visando “conhecer os meios de vida num agrupamento de caipiras”, alerta para o “senso do qualitativo” como “condição de eficiência nas disciplinas sociais”:

Analisar as populações rurais por meio dos números referentes à mobilidade, produção, área das propriedades, posição no quadro nacional sob estes vários aspectos, é tarefa excelente, cabível sobretudo ao demógrafo e ao economista. O sociólogo, porém, que a pretexto de buscar o geral fareja por toda a parte o humano, no que tem de próprio a cada lugar, em cada momento, não pode satisfazer-se neste nível. Desce então ao pormenor, buscando na sua riqueza e singularidade um corretivo à visão pelas médias; daí o apego ao qualitativo, cujo estudo sistemático foi empreendido sobretudo pelos especialistas em sociedades primitivas.<sup>24</sup>

Na pequena cidade sua estrutura mental e sua interação humana, com hábitos e modos de vida próprios, distinguem-se muitas vezes das grandes cidades. Como afirma Graça Filho: “O campo ainda penetra na cidade de diversas formas, com pequenos terrenos cultivados dentro do perímetro urbano, chácaras, fazendolas e hortas em seus arredores”.<sup>25</sup>

Até fins do século XIX, as cidades brasileiras mantinham uma relação de proximidade com o campo. Nos centros urbanos e comerciais, onde há uma maior densidade populacional, o que se via eram numerosas chácaras e pocilgas. Não raramente os periódicos noticiavam queixas contra os animais que viviam a pastar e/ou soltos nas vias públicas.<sup>26</sup>

Toda configuração social, em seu viver cotidiano, constrói sua própria estrutura mental de tempo, espaço e indivíduo. A cidade é o lugar desse viver social, suas noções espacial e

<sup>23</sup> CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 23.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 23-24.

<sup>25</sup> GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *História, região e globalização*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 30.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 30.

temporal acabam por tomarem uma forma própria e distinta. É o caso da temporalidade cotidiana das pequenas cidades, muitas vezes “marcada pela regularidade dos fatos (safras, festas religiosas etc.), que é regida pela natureza e pelas tradições, com pouca interferência externa, dando uma impressão de estagnação”.<sup>27</sup> No entanto, apesar do caráter cíclico dos acontecimentos, estamos diante de uma aparente uniformidade e regularidade. As cidades pequenas, assim como as grandes urbes, fazem parte “integrante da totalidade da sociedade moderna”. Não podem ser confundidas ou associadas às ideias de atraso, de não dinamismo, pachorrentas, onde aparentam que a vida não passou. Ao contrário das cidades grandes, que carregam um imaginário de complexas, dinâmicas e de lugar de modernidade. As cidades pequenas apresentam relações sociais e sociabilidades próprias. É caso da marca da “pessoalidade”. Marca esta “que geralmente exerce um controle muito eficaz sobre os membros de sua coletividade”.<sup>28</sup>

O que há na pequena cidade são uma moral, uma homogeneidade e uma heteronomia maior na sua vida social. Assim afirma Joseli Silva sobre a pequena cidade:

Na pequena cidade, embora também se desempenhem diferentes papéis, o anonimato é impossível, e a personalidade impera nos comportamentos dos indivíduos. Assim, as relações de caráter formal são entrelaçadas de afetividade, parentesco e respeito, gerando uma confiança estabelecida em regras e códigos relacionados a uma ética específica: a da ‘conveniência’. Os negócios, por exemplo, são estabelecidos com base na confiança pessoal e as regras não são quebradas, justamente porque quem as infringe está também sujeito a perder os ganhos do capital relacional.<sup>29</sup>

Se pensarmos as pequenas cidades como “comunidades pequenas”, vemos uma forte presença das relações comunitárias e da autoridade tradicional. Sua vida econômica e mercantil é marcada por um misto de padrões costumeiros e práticas capitalistas. É o caso de uma práxis comercial muitas vezes regada nos moldes tão conhecidos dos “negócios em confiança”. Tem-se obediência, fidelidade, vínculos de parentesco e amizade. Liames de confiança, solidariedade e auxílio. E dentro de um “princípio de solidariedade”, há “relações de contraprestação” que se ramificam para todas as áreas da vida social.<sup>30</sup>

Está-se diante de uma rede de relações baseada na família e não nos indivíduos, com uso da reciprocidade e do intercâmbio entre iguais. Muitas vezes formam grupos de vizinhos, que cooperam entre si nas diversas tarefas de “sobrevivência econômica”. Logo, “O tamanho,

<sup>27</sup> SILVA, Joseli Maria. “Cultura e Territorialidades Urbanas – Uma Abordagem da Pequena Cidade”. *Revista de História Regional*. 5(2): 9-37. Inverno 2000, p. 25.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>29</sup> SILVA, Joseli Maria. “Cultura e Territorialidades Urbanas – Uma Abordagem da Pequena Cidade”. *Revista de História Regional*. 5(2): 9-37. Inverno 2000, p. 28.

<sup>30</sup> FRANCO, Maria Sylvania de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

estabilidade, e intensidade da troca numa rede de reciprocidade dependem da proximidade social entre as famílias-membros. Todas as redes de parentesco tendem a ser mais estáveis, mais autossuficientes, e maiores em tamanho que redes de vizinhos que não são parentes”.<sup>31</sup>

É nesse tipo de cidade pequena que os nossos atores experimentaram e procuraram pôr em prática os seus anseios e interesses, o que findou gerando encontros e confrontos, nem tão amistosos, entre membros de variados segmentos sociais urbanos, de distinções econômicas, étnicas e culturais.

## 4. SOCIABILIDADES – VIZINHOS E CONVERSAÇÃO – AS RODAS DE CALÇADA OU RODAS DE CONVERSAS

A reflexão empreendida sobre Vizinhos, Rodas de Conversas e Rodas de Calçada, além dessas interações sociais estarem situadas no território das pequenas cidades; tem como suporte o emprego conceitual de sociabilidade, tomado de empréstimo de Jean Baecheler que assim a define:

[...] a capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades [casais, famílias, empresas, equipes esportivas, igrejas, exército, polícia...], individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões...: [é o caso dos] vizinhos, públicos, salões, círculos, cortes reais, mercados, classes sociais, civilizações [...]<sup>32</sup>

Essa capacidade dos indivíduos ou de grupos estabelecerem laços, relações, “uma boa parte das quais não têm qualquer relação direta com os fins do grupo”, pode ocorrer de forma intragrupos (membros de uma confraria, empregados de uma empresa etc.) ou entre grupos distintos e diversos. Ou ainda, essas “redes” podem ocorrer de maneira espontânea ou deliberada. No caso do formato deliberado, os espaços sociais são delimitados para os encontros, por opção, de seus personagens, que “têm prazer e interesse em ser sociáveis uns com os outros. Os salões, os círculos, os clubes, os cafés são exemplos disso”.<sup>33</sup> Quanto à sociabilidade espontânea, como o próprio nome sugere, se estabelece espontaneamente entre os indivíduos que se integram. Formando, por exemplo, redes de amizade, de trabalho, de conversas e de vizinhança.

<sup>31</sup> OLIVEN, Ruben George. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1987, p.34.

<sup>32</sup> BAECHELER, Jean. “Grupos e sociabilidade”. In: BOUDON, Raymond (Dir.). *tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 65-66.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 77-78.

É desta forma de sociabilidade espontânea que iremos tratar. A vizinhança, no caso, entre os proprietários de terras, distantes pelas extensões de suas propriedades rurais. A vizinhança no espaço urbano, onde se tem uma maior proximidade. Pois as casas estão conjugadas, contíguas. Seus habitantes moram parede e meia. Como relata Eduardo Campos em suas memórias dos vizinhos da Rua do Imperador, na Fortaleza da década de 1930: “passei a conhecer o dia-a-dia daqueles que moravam parede e meia, gente aprendida a utilizar os meios mais prosaicos de comunicação (batida na parede de separação de casas geminadas, em noites de enfermidade; ou na porta da rua, toc-toc, logo ao amanhecer, e não de raro a se justificar: ‘não é ninguém, seu João, é o vizinho...Minha mulher está chorando com dor...’”.<sup>34</sup> (sic)

Na relação de vizinhos vamos encontrar um costume notável para suas relações que é a “roda de conversa” ou a “roda de calçada”. Ela se dá no espaço público da rua. Assim, a rua, em especial o território da calçada, torna-se uma espécie de “terra eleita” pelas famílias para estabelecer redes, onde podem fazer circular informações representativas de seus gostos, opiniões, interesses, paixões.<sup>35</sup>

Em 25 de abril de 1875, o jornal “O Cearense”, órgão liberal,<sup>36</sup> editava um folhetim cujo conteúdo era sobre esse costume comum entre nós de fazer rodas de calçadas. O folhetinista, que assina como sendo “X”, antes de versar diretamente das rodas, resolve explicar o que é o folhetim. Este “não tem seu papel limitado a simples gracejo”, mas que “Trata das cousas mais serias, como das menos importantes, dos mais alegres, como dos mais dolorosos episódios da vida social”. Duas leis lhe pautam em seu sair público: “os acontecimentos da semana e o humour da pena do folhetinista”. E numa semana que não houve acontecimentos marcantes que servissem de matéria para o folhetim, o autor na obrigação de dizer alguma coisa, nem que seja de um boato, tem a ideia ao caminhar pelas ruas da cidade – “Ah! Eureka! Que feliz idéa!...” – de falar da roda “que se entretém tão animada hade sem duvida fornecer alguma boa nova, aproximemo-nos”.<sup>37</sup>

Escolhido o tema “roda de calçada”, ele assim indaga ao leitor: “Sabe o leitor o que é uma roda? Já teve alguma vez a honra de fazer parte dessa oitava potencia, que se chama roda de calçada?” Após as indagações, prossegue em tom de humor, falando das diversas rodas e seus personagens ao longo da história. E assevera: “Bem se vê que a *roda* acompanhou o movimento

<sup>34</sup> CAMPOS, Eduardo. **Os vizinhos. Memória da cordialidade**. Fortaleza, 2001, p. 12.

<sup>35</sup> BAECHER, Jean. “Grupos e sociabilidade”. In: BOUDON, Raymond (Dir.). **tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

<sup>36</sup> Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709506&pesq=Rodas%20de%20cal%C3%A7adas>. Acesso em: 14/03/2016.

<sup>37</sup> Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital – <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709506&pesq=Rodas%20de%20cal%C3%A7adas>. Acesso em: 14/03/2016.

da civilização, sim, porque ella não tem nada de inamovível”.<sup>38</sup> Daí, passa a discorrer das tradições das rodas, seus papéis, características, questões etc. entre os cearenses. Apesar de ser longa a transcrição, vale como um bom registro dessa sociabilidade tão comum:

Entre nós as *rodas* fazem honras a tão honrosas tradições.

Aqui uma *roda* de calçada é constituída com todas as formalidades; tem uma constituição organizada no systema anarchico dictatorial, distribuição de poderes, *comités* especiaes para certas ocasiões etc. etc.

Cada roda tem o seu papel differente, dirige-se a um fim especial.

Ha rodas literárias, rodas politicas, rodas religiosas, rodas pandegas e rodas *encyclopedicas*.

De tudo se occupão as Sras. rodas de nossa terra.

As questões actuaes já forão milhares de vezes decididas por ellas; a posição do gabinete 7 Março decidida e explicada de mil modos diferentes; a questão religiosa teve a ultima palavra e não é só isso, a sciencia nada tem mais a indagar, nem uma duvida ficou de pé apòs a decisão de uma roda.

As vezes a ordem do dia de certas rodas consiste em *innocentes apreciações*.

Assim como inventou se *sympatico* para acabar com o feio, inventou-se *apreciação* para acabar com a maledicencia.

E é por isso que chamei oitava potencia as *rodas* de calçada.

Feixado o parenthesis, vamos apanhar o nosso boato.

Mas...olhe...está chovendo, dissolveu-se a roda;...que pena!...

X.<sup>39</sup>

No mesmo jornal O Cearense, edição de 12 de outubro de 1879, em seu folhetim intitulado “Cartas de uma Touriste”, vamos flagrar mais uma vez a temática das “rodas de calçadas”. No entanto, observamos que o(a) autor(a) vai nos relatar a experiência das rodas sem contentamento ou admiração por esse costume na cidade de Fortaleza. Chega a comparar a um monstro feio e perigoso. O que lhe faz lançar um alerta ao seu leitor. Dessa maneira escreveu:

Hontem á tarde tentei um passeio a pé na cidade, mas a empresa abortou, apesar de todo o esforço que empenhei para leval-a a effeito.

Sahi de casa as 5 horas e as 5 e 10 minutos regressava, fria de desapontamento, hirta, assombrada.

Não váe supor que encontrei na rua alguma fera escapada de sua jaula, algum bando de mal feitores, alguma assuada de *capoeiras*, algum pampeiro pondo em debandada mobílias e telhados – não. O que eu encontrei foi...uma roda de calçada....

Parece que estou vendo o engraçado muchôxo com que acolhestes o ultimo período.

Aposto que não imaginas o que seja uma roda de calçada.

Pois quando o souberes não terás bastante admiração para contemplar esse monstro mais feio e mais perigoso do que a *picuvre* que nos descreve V. Hugo.

Não vae agora emmagrecer de anciedade, minha curiosa.

Até breve.

Fortaleza, 11 de outubro de 1879.

Tuá

A..?<sup>40</sup>

<sup>38</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital – <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709506&pesq=Rodas%20de%20cal%C3%A7adas>. Acesso em: 14/03/2016.

<sup>39</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=709506&pesq=Rodas%20de%20cal%C3%A7adas>. Acesso em: 14/03/2016.

<sup>40</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&pasta=ano%20187&pesq=Roda%20de%20cal%C3%A7ada>. Acesso em 14/03/2016.

Diversos jornais como O Bohemio (Fortaleza/1900), A Lucta (Sobral/1922), Gazeta do Norte (Fortaleza/1884), O Bemtevi (Fortaleza/1892), além de outros por nós consultados, dedicaram de alguma forma a falar ou citar as rodas de calçadas.

A Lucta, na coluna “Chromos de Giz”, publica um soneto a “proposito de uma conversação sobre o jogo de bicho”:

Uma roda na calçada,  
Esta era a conversação,  
Com ridente animação  
No jogo da bicharada.

Ouvi – não foi *potocada*  
Palpites em profusão,  
Té bateu meo coração  
Dar também uma jogada

Decifrou-se ali um sonho  
De um homem (isso é risonho)  
Que desceu ao fundo d’orco.

Foi esta a decifração  
Do bello sonho em questão:  
- vacca, gallo, cabra porco.

PAFI<sup>41</sup>

Já o Gazeta do Norte<sup>42</sup> do dia 24 de fevereiro de 1884, em período do Rei Momo (Carnaval), vai editar uma notícia/propaganda de página inteira, onde acaba por fazer referência as “rodas de calçadas”:

## DRAGÕES DO AVERNO

Farão ensurdecer os povos boquiabertos em sua passagem pela face da terra e da CAVERNA PLUTONICA surgirão ao toque magico da – BAGUETA – (um tanto afrancezado) de vesta, os esplendores do AVERNO vedado até hoje aos olhos profanos. Ajoelhae, e deixae passar o préstito percursor de uma nova era de prazer. Escondei os vossos rostos, OH! GRAVES CREATURAS! Applicae um caustico de ALEGRIA nessas caras d’ENTERRO! Volvei a vida dos gosos e deixae as **rodas das calçadas**, que isto de estar assentado toda a tarde, a cortar casacas, causa uma doença que os DRAGÕES não soffrem. Dexae o carrancismo se quiserdes entrar no – AVERNO.<sup>43</sup> (Grifo Nosso)

Por fim, temos O Bemtevi,<sup>44</sup> que veio a público no dia 3 de abril de 1892, na coluna ENCAFIFO, fazer uma crítica bem humorada as rodas de calçadas:

<sup>41</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720763&pasta=ano%20192&pesq=Roda%20de%20cal%C3%A7ada>. Acesso em: 14/03/2016.

<sup>42</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103950&pasta=ano%20188&pesq=Roda%20de%20cal%C3%A7ada>. Acesso em: 14/03/2016.

<sup>43</sup> Ibid.. Acesso em: 14/03/2016.

<sup>44</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital - <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=814687&pasta=ano%20189&pesq=Roda%20de%20cal%C3%A7ada>. Acesso dia: 14/03/2016,

## ENCAFIFO...

Com um cassino que existe actualmente em Pelotas...

[...]

Com os namoros em rodas de calçadas tão uzado nessa terra...

[...]

K – Pirôo<sup>45</sup>

Agora vamos nos valer de Eduardo Campos e suas memórias da cidade de Fortaleza para também melhor ilustrar a interação entre os indivíduos e seu fenômeno mais típico de sociabilidade que é a conversação: “Raramente os frequentadores da calçada ocupavam-se de política ou religião. O tema principal, a exploração do comércio, os preços altos, e, principalmente, a imprevisível chegada da quadra chuvosa aos sertões”.<sup>46</sup> Nesse encontro, que toma a configuração de “rodas de calçadas”, acaba por constituir uma categoria de sociabilidade espontânea capaz de unificar tanto os indivíduos como os espaços público da rua e privado da casa. Vejamos o exemplo da Fortaleza de 1930:

Exceto a presença da minha mãe, sentada por detrás da banda da porta que não abria (a se resguardar das corretes de ar), nenhuma outra senhora acudia a participar.

Ali, o assunto estava reservado a homens: a facção de vontadosos e cordiais vizinhos. Gente que estava tendo, a esses dias, o prazer de transformar a calçada em espaço público.

Estavam ali, acima de tudo, solidários com o espírito de família, que os unia nas alegrias e infortúnios.<sup>47</sup>

O cronista João Nogueira faz também um registro do hábito das rodas de calçadas em noites de luar e suas brincadeiras e o conteúdo das conversas:

Também, aproveitando a luz da lú formavam as rodas de calçadas, que ainda são de costume na Fortaleza.

Ali, falavam da vida alheia, cantavam modinhas de violões, brincavam a *prenda*, as adivinhações, o santo e outros passatempos inocentes.

Das nossas rodas de calçadas, duas houve que deixaram fama: a da botica do Cel. Teodorico e a do Clube Conservador, nos quais se ventilavam, de preferência, assuntos políticos.<sup>48</sup>

Como vemos acima nas passagens, fora do espaço da casa, cuja referência é a família, tem-se um ambiente externo da rua. É aí que os indivíduos se encontram e se relacionam. Como é o caso dos “vizinhos” e suas rodas de conversas. Este espaço de sociabilidade serve, então, de encontros e de lazer. Aí figuram “encenações da vida cotidiana”. Era o que acontecia também na cidade de Sobral.

<sup>45</sup>Biblioteca Nacional – Acervo Digital – Hemeroteca Digital - <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=814687&pasta=ano%20189&pesq=Roda%20de%20cal%C3%A7ada>. Acesso dia: 14/03/2016.

<sup>46</sup> CAMPOS, Eduardo. *Os vizinhos. Memória da cordialidade*. Fortaleza, 2001, p. 8.

<sup>47</sup> Ibid., p. 9.

<sup>48</sup> NOGUEIRA, João. “Hábitos e costumes cearenses”. IN: GIRÃO, Raimundo. *O Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011, p. 85.

D. José Tupinambá da Frota em sua História de Sobral<sup>49</sup> vai dedicar um capítulo para falar sobre os costumes sobralenses. Nessa passagem da obra, o autor precisa alguns dos hábitos e costumes da população. No entanto, alguns desses costumes são marcados por um “sistema de educação familiar”, que tinha como base a religião – cristã e católica. O que acaba por pautar as refeições e os encontros dos vizinhos e dos de casa nas rodas de calçadas. Nas noites enluaradas, os vizinhos faziam sua última refeição (ceia) na calçada, onde após o hábito alimentar rezavam o “Bendito” e o Terço de Nossa Senhora (“costume esse que tem desaparecido dos lares cristãos, mas que todas as razões aconselham seja reprimado”). Vejamos o que escreve Tupinambá:

O almoço era geralmente as 9 horas; o jantar às 2 horas da tarde e a ceia depois da Ave-Marias. Às vezes, nas noites enluaradas, costumavam algumas famílias fazer a última refeição ao luar. Estendia-se na calçada uma esteira de palhas de carnaúba, sobre a qual os escravos ou criados colocavam grandes terrinas de coalhada e enormes pratos chineses azuis oitavados, cheios de mucunzá, de canjica, ou de arroz doce com côco. Não faltava a tapioca ou beijú de goma com queijo de manteiga ou de coalho, segundo a estação.

Em meio da maior cordialidade os da casa e alguns vizinhos sentados sobre pequenos tamboretos ou mesmo na esteira, começavam a alegre refeição. Depois da comida era indispensável a reza do “Bendito” [...].<sup>50</sup>

Sobre esse mesmo costume familiar do Sertão do Ceará, do terço e da ceia e em tempo de fartura após o regime de chuvas (Inverno), há o registro de João Nogueira. Cabe destaque, ainda, a comida na figura da Coalhada de Lapada.

Logo ao anoitecer, em certas casas resava-se o Terço, ordinariamente *tirado* pelo dono da casa ou pela dona da casa.

Depois do terço vinha a ceia em que, nos *fins d'água*, já tendo o campo reverdecido, o gado *limpado o pelo* e a abundância reinado por toda a parte, *comia-se leite* e tomava-se grande quantidade de coalhada endurecida a que chamavam *coalhada de lapada*.<sup>51</sup>

A respeito da calçada, modinhas e trovas, fala-nos, ainda, Tupinambá:

Às vezes, sob clarão da lua, reuniam-se na calçada das pessoas amigas para escutar as modinhas e trovas, cantadas ao som do mavioso violão ... pelos rapazes e moças, que furtivamente, trocavam olhares amorosos, mesmo de longe, porque não era então facilmente permitida a aproximação de gente nova, senão em condições excepcionais e sob as vistas vigilantes dos pais”.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1995. O texto de Tupinambá intercala produções narrativas próprias com a compilação de outros textos de estudiosos da História do Ceará ou de Sobral propriamente dito. Assim, sua visão histórica da terra natal se constrói com respaldo de documentos de primeira mão ou produzidos a partir de pesquisas realizadas por terceiros. O que lhe dá sustentação direta ou indiretamente ao seu modo de ver/ler a história local.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 501.

<sup>51</sup> NOGUEIRA, João. “Hábitos e costumes cearenses”. IN: GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011, p. 81.

<sup>52</sup> FROTA, D. José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1995, p. 503.

As rodas de calçadas seriam, então, um espaço de socialização, mas antes de tudo de reforço dos laços de amizade, parentesco, proximidade. O que mantém um relacional de pessoalidade e de controle sobre os convivas. O que há nessas rodas é uma necessidade primordial de convivência e, logo, de “conveniência” para o reconhecimento de cada um que se aventura no espaço público da rua.<sup>53</sup>

Mas é com o desenvolvimento material e cultural da cidade, que se percebe o movimento das rodas de calçadas para os clubes (literários, recreativos, de esporte etc.), as Associações, cinemas, Passeios Públicos... Daí haver a convivência ou o desaparecimento das rodas de calçada com esses outros tipos associativos. No entanto, as relações de vizinhos se mantêm com outros formatos.

Mais uma vez lançamos mão do cronista João Nogueira e seus apontamentos para falar de um novo relacional e espaço de sociabilidade que se abre, por exemplo, com a chegada do cinema. No caso na cidade de Fortaleza. O aportar por aqui dessa moderna diversão, parece para Nogueira abalar o costume das visitas familiares.

O cinema e outras diversões modernas acabaram com certas delicadezas que havia entre nós, como por exemplo as visitas que as famílias faziam entre si.

“Minha senhora manda saber se pode vir passar o serão cá?”

Era a pergunta e aviso que se mandava, ainda pela tarde, e por uma mucama bem vestida, à família que se desejava visitar.

Estavam então muito em moda os recitativos ao piano.<sup>54</sup>

A vida nas cidades se torna cada vez mais mundana. As pessoas, que antes frequentavam o restrito território da casa e seus laços familiares, como é o caso das rodas de vizinhos nas calçadas; expandem seus lazes e seus lugares de convivência e interação. Passam a frequentar os teatros, os cinemas, os clubes etc.

No caso dos clubes (literários, políticos e lazer), em coexistência as rodas espontâneas de calçadas, estes constituem “círculos” de representações sociais mais característicos da modernidade e da civilização burguesa do século XIX. Aí, tem-se “disponibilidade e lazer, alegria de viver, igualdade, laicidade, masculinidade”.<sup>55</sup> Eles são uma instituição de origem britânica (“Club”), cujo equivalente é “Cercle” (Círculo) na França e que está em contraste com o “salão”. Baecheler traça o contraste entre o salão e o círculo, ou entre a sociabilidade aristocrática e a sociabilidade burguesa:

<sup>53</sup> “A conveniência é *grosso modo* comparável ao sistema de ‘caixinha’ (ou ‘vaquinha’): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse ‘preço a pagar’ (saber “comportar-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana”. MAYOL, Pierre. “O Bairro”. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 39.

<sup>54</sup> NOGUEIRA, João. “Hábitos e costumes cearenses”. In: GIRÃO, Raimundo. **O Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011, p. 87.

<sup>55</sup> BAECHELER, Jean. “Grupos e sociabilidade”. In: BOUDON, Raymond (Dir.). **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 83.

O salão é aristocrático, no sentido em que é, se não reservado, pelo menos dominado pela aristocracia; o círculo é burguês. O salão está ligado a uma prática nacional antiga, ao passo que o círculo passa por uma inovação importante da Inglaterra, considerada como um defeito ou um título de superioridade. O salão não é igualitário, no sentido em que se realiza na casa de um anfitrião que tem possibilidades de receber regularmente convidados, os quais, pela possibilidade de retribuição, se tornam de algum modo seus devedores; o círculo é igualitário, ninguém convida, cada um tem a possibilidade de pagar seu quinhão para assegurar as despesas de locação e de manutenção. O salão não é exterior à família, é uma família que recebe outras famílias; o círculo é rigorosamente exterior à família, em todos os aspectos, espacial, temporal, sexual. De fato, enquanto o salão é misto e as mulheres desempenham nele um papel pelo menos igual ao dos homens, o círculo é estritamente masculino. Esta diferença traduz-se em mudanças de tom, de conversa, de atitude, mais livres e menos educadas no círculo do que no salão. Por último, no salão na se fala de política, ao passo que a política constitui um dos principais assuntos no círculo.<sup>56</sup>

O círculo se faz aqui em terras cearenses e se experimenta, por exemplo, através do Clube Republicano de Sobral (1889) e do Clube Iracema em Fortaleza (1884).

Quanto às transformações, acima mencionadas, elas levaram também a um metamorfosear das rodas de calçadas. Esta se desloca do espaço público da rua para o interior do lar. A sociabilidade – vizinho e conversação – se dá nesse instante no lugar restrito da casa.

É o que relata Campos, quando da chegada da televisão em Fortaleza (TV Ceará, Canal 2 – novembro de 1960). Ele guarda a memória de tempos passados (“Rodas de Calçadas”) e o que acontece com as mesmas quando da chegada dessa nova tecnologia de comunicação:

A roda da calçada passa, por assim dizer, para dentro de casa. E mais tarde, propagando-se o uso de televisões, democratizando-se a audiência pelo barateamento do valor cobrado pelo comércio na venda dos aparelhos, definitivamente restava em crise a cordialidade desfrutada nas calçadas pelos vizinhos.<sup>57</sup>

Por fim, ao relacionarmos as modificações materiais e as mudanças mentais e a forma de pensar, concluímos que esses novos encontros, novos espaços de sociabilidades não necessariamente caracterizam a ausência do velho, do conservador, da tradicional. Talvez na forma tão somente polida no trato se mantenha o “atraso”, a exclusão, a distinção em relação ao outro. Ou seja, por detrás da polidez no trato, podem-se esconder atitudes tradicionais e atrasadas em relação ao ser moderno e civilizado. Ainda mais se tais experiências acontecem dentro do marco de “cidades pequenas”.

Daí esses tipos de sociabilidades em “cidade pequena” acabarem por resultar num mental de vida, distinto do sentimento de “indiferença” (“Sentimento Blasé”) muito marcante das grandes cidades ou de cidades mais urbanizadas. Porque nas grandes cidades suas relações são predominantemente regidas pela individualidade, a autonomia e a indiferença.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> Ibid., p. 84.

<sup>57</sup> CAMPOS, Eduardo. *Os vizinhos. Memória da cordialidade*. Fortaleza, 2001, p. 101.

<sup>58</sup> SIMMEL, Georg. “A metrópole e vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1976.

## 4. CONCLUSÃO

Quando pensamos o capitalismo moderno, logo o associamos às significativas mudanças em todas as esferas da vida em sociedade. A sua expansão teve como um corolário a aproximação das sociedades, intermediado por um complexo sistema de trocas, no qual o mercado funciona como um motor básico/primordial capaz de gerar as interações as mais diversas ou de diferentes tipos. Entretanto, esse fenômeno da interação cultural dá-se não só através de “mecanismos econômicos e comerciais”, mas também por meio de uma dimensão imaterial (simbólico-cultural). É caso, por exemplo, dos estrangeiros que se deslocam por outros espaços, que não os próprios de seu viver diário. Gerando, assim, o encontro/confronto de costumes, gostos, valores, juízos morais etc.

Desta forma, as ondas de mudanças, que acompanham o processo civilizacional capitalista, buscam nos mais recônditos lugares impor e fazer valer um modelo de sociedade urbano-industrial capitalista. Essa nova ordem mundial afeta indivíduos e grupos em seu aspecto cultural. Ou seja, afeta os “comportamentos, valores, estilos de vida, lealdades, identificações, concepções de mundo etc.”.<sup>59</sup> Cabe destacar, que tais modificações não são “processos lineares”, mas sim “tendências gerais que adquirem características diversas em diferentes sociedades e períodos”.<sup>60</sup>

Como toda ordem social que se pretende nova, busca a aceitação. Tal aceitação não se dá de forma automática e uniforme por parte da população e nem em todas as áreas que envolvem o tecido social.

Como afirma Gilberto Velho:

[...] essas indiscutíveis consequências da expansão do capitalismo ocidental associam-se a uma visão de modernidade, assentada em concepções específicas de racionalidade e de indivíduo. Apesar da força do seu impacto, essas transformações inevitavelmente interagem com tradições culturais diversificadas. Assim, dão margem a sincretismos, combinações e reinvenções culturais, não em número infinito, mas variadas e numerosas. Em outras palavras, as crenças e valores tradicionais não desaparecem necessariamente diante da expansão das ideologias individualistas modernizantes. O fato da sociedade ser, por natureza, multidimensional e heterogênea produz alternativas e cria novos domínios.<sup>61</sup>

O que temos, por exemplo, como parte integrante da expansão capitalista pelo mundo (“Word System”) é o desenvolvimento de ideias que valorizam o indivíduo como unidade básica da vida social em detrimento da dimensão holística da sociedade. Tal individualismo entrará em

<sup>59</sup> OLIVEN, Ruben George. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 77.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 78.

<sup>61</sup> VELHO, Gilberto. “Estilo de Vida Urbano e Modernidade”. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 8, nº 16, 1995, p. 232.

constantemente confrontos com variadas formas tradicionais de sociedades. O que levará ao fenômeno da hibridização ou dos encontros culturais, marcados pelo conflito, transculturação, tradução cultural etc.

São essas interações e/ou alterações culturais que pretendemos desenvolver em nossos estudos.